

humanitas

Vol. I

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME I

PUBLICAÇÃO SUBSIDIADA PELO «FUNDO
SÁ PINTO» (UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

COIMBRA // MCMXLVII

As humanidades clássicas e a Universidade de Coimbra

*Oração de sapiência proferida na Sala dos
Capelos da Universidade de Coimbra,
em 18 de Outubro de 1843, pelo
Prof. Rebelo Gonçalves (1).*

Ex.^m Senhor Reitor da Universidade:
Senhores Professores:
Senhores Estudantes:
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Abriu-se mais uma vez a Sala Grande dos Actos para a solene inauguração de novo ano escolar. Falou primeiro o Governo universitário pela sábia voz do seu Principal. E tem de falar agora, por mando da lei e da tradição, o professor que a Universidade designou para subir à cátedra e dizer, segundo o costume, a oração de sapiência.

Tomando a palavra nesta Aula Magna e na rara magnitude deste dia, poderia eu, e deveria talvez, fazer a apologia da Ciência em sentido amplo e global, como tantas vezes se praticou em dias idênticos. Repetindo

(1) O texto é agora anotado pelo autor.

esse velho tema, quem sabe se ao menos compensaria a escassez de ideias novas com o puro fervor encomiástico? Pareceu-me, todavia, que pode cada qual exaltar a Ciência pelo simples louvor e defesa das disciplinas que professe, como quem, ajoelhando ante qualquer altar, não preiteia apenas uma imagem, mas todo um templo e toda uma fé. E assim me decidi pela estrita apologia das humanidades clássicas, matérias de minha obrigação e devoção, sem receio ou escrúpulo de salientá-las do vasto conjunto a que pertencem. Demais, bem podem elas representar aqui a Cultura inteira, graças a uma virtude primacial: porque constituem, no dilatado campo do saber humano, o que este possui de menos mutável e transitório; porque formam, entre todas as erudições, a sabedoria consistente e perdurável, o núcleo de conhecimentos em que os homens terão sempre a fonte da sua mais vivaz informação mental, se quiserem atender àquelas palavras de S. Bernardo um dia repetidas pelo nosso clássico seiscentista: .há uns que querem saber só para saber, e é curiosidade ; e há outros que querem saber para serem conhecidos por sábios, e é vaidade; e há outros que querem saber para venderem o que sabem, e é interesse; e há outros que querem saber para edificar os próximos, e é caridade; e, finalmente, há outros que querem saber para edificar-se a si mesmos, e é prudência (1).»

Se, porém, estas razões me não justificam, que ao menos sirva a justificar-me a actualidade do problema dos estudos gregos e latinos, na altura em que tanto se apregoa, dentro e fora dos centros universitários, a necessidade de os espíritos se volverem de novo para

(1) Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, título vi (p. 17 do 3.º tomo, ed. de 17 t 1).

os esplêndidos luzeiros da antiguidade clássica. Esta é, de facto, a hora em que o latim e o grego mais uma vez são exaltados como pura essência da *humanitas* e como fulcro imprescindível dos estudos literários, desses estudos que Cícero glorificou para sempre no *Pro Archia*, que os homens do Renascimento continuaram a enaltecer ao modo do Orador, como aqui mesmo, em Coimbra, Arnaldo Fabricio e Hilário Moreira em duas famosas orações latinas, e que ainda hoje se torna impossível não amar e admirar segundo o encómio ciceroniano: «. . .alimentam a juventude, recreiam a velhice; são o ornamento da ventura, o refúgio e consolo da desventura; deleitam-nos em casa e não nos embaraçam fora dela; pernoitam connosco, seguem-nos em viagem, acompanham-nos no campo (1).»

Farei, pois, a apologia das humanidades clássicas, ou seja, a um tempo, a sua defesa e o seu louvor. E fá-la-ei não só apontando os valimentos essenciais,

(i) «... adulescentiam alunt [*alia lectio*: agunt], senectutem oblectant, secundas res ornant, aduersis perfugium ac solacium praebent, delectant domi, non impediunt foris, pernoctant nobiscum, peregrinantur, rusticantur.» *Pro Archia*, vu.

Lembrado destas palavras, dizia Arnaldo Fabricio na lição inaugural do Colégio das Artes, proferida em 21 de Fevereiro de 1548: «Eadem [litterarum studia] prosperas res ornant, aduersas solantur, in otio delectant, in negotiis prosunt, denique quocumque nos conuerterimus, praesto adsunt omni loco omnique tempore ita opportuna, ut non aqua, non igni, non aere (quod dicitur) pluribus in locis quam litteris utamur.» Por seu turno, em oração proferida na Universidade a 1 de Outubro de 1552, afirmava Hilário Moreira: «...hae [litterae] ad beate uiuendum adulescentiam commonent, hae senectutem suo uiatico delectant, suntque omnium aerumnarum leuamentum. Secundas res ornant, aduersis perfugium ac solacium praebent, domi delectant, non impediunt foris, pernoctant nobiscum, peregrinantur et otio amoenissimo rusticantur.»

Os passos de Fabricio e Moreira vêm, respectivamente, a págs. 19 e 72-73 de *Quatro Orações Latinas*, pubi, e pref. de Luis de Matos, Coimbra, 1937. Não os reproduzimos, todavia, com a escrita que aí têm, mas com grafia actualizada.

todos eles razão de glória e de nobreza, com que essas matérias se apresentam perante a nossa Universidade, senão também considerando, com animado empenho, o que elas são no presente e podem ser no futuro deste grémio científico.

*

* *

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Letras sábias, como outras o mundo jamais conheceu, as humanidades clássicas servem por excelência, e nunca é ocioso repeti-lo, de sólida cultura fundamental. E esse o papel maior que lhes reconhecem na esfera do saber e o primeiro, portanto, que hão-de ostentar em presença de um instituto superior.

Disse Rabelais que ninguém poderia, sem o grego, intitular-se erudito. Os séculos, porém, ensinaram que não há verdadeira cultura geral sem o grego e sem o latim, quer dizer, sem a frequência das literaturas a que uma e outra dessas línguas deram expressões imredouras. Aí se encontra, forte e esplendente, aquela massa de conhecimentos básicos, substanciais, de que nenhuma formação intelectual pode prescindir, quaisquer que sejam os fins especiais a que se pretenda encaminhá-la.

Deixa-nos fruir deste largo préstimo todo o conjunto das letras gregas e latinas, que o curso dos séculos fez depositárias de valores eternos e insubstituíveis. Mas, por maravilha, cada um dos seus géneros, de per si, nos concede a graça de desfrutá-lo; e antes de tudo a poesia, mercê daquele destino que desde cedo irmanou a erudição com o verso e que dir-

-se-ia confirmar a lenda segundo a qual as Musas descendiam da Memória. E o caso de Homero, primeiro e insuperável harmonizador do saber e da arte. Como tal o viram antigos e modernos. Não menos os modernos que os antigos. E tanto assim que, quando um célebre humanista, o italiano Antonio Urceu, rematava um dia o seu elogio das artes liberais e se dirigia a um príncipe seu aluno, « . . . fica de bom ânimo — exclamava —, que eu te exporei as letras gregas e sobretudo o divino Homero, o qual, segundo escreve Nasão, banha das piérias águas os lábios dos poetas. Em Homero poderás tu aprender a gramática, em Homero a retórica, em Homero a medicina, em Homero a astrologia, em Homero as fábulas, em Homero as histórias, em Homero os costumes, em Homero os preceitos dos filósofos, em Homero a arte militar,... em Homero o governo das cidades; numa palavra: tudo o que de bom, tudo o que de honesto ambicione, desejoso de aprender, o espírito do homem, fácilmente em Homero o poderás achar» (1).

Por outro lado, a crescer a este e a tantos outros modelos de arte sábia, fruímos daqueles clássicos e noviclássicos que intencionalmente divulgaram todo o saber antigo e se constituíram por si sós, ao divulgá-lo,

(1) «.. .bono animo esto, ego Graecas litteras tibi exponam et praecipue diuinum Homerum, a quo ceu fonte perenni, ut scribit Naso, uatum Pieriis ora rigantur aquis. Ab Homero grammaticam discere poteris, ab Homero rhetoricam, ab Homero medicinam, ab Homero astrologiam, ab Homero fabulas, ab Homero historias, ab Homero mores, ab Homero philosophorum dogmata, ab Homero artem militarem, ... ab Homero regendarum urbium modum percipies, et in summa quicquid boni, quicquid honesti animus hominis discendi cupidus optare potest, in Homero facile poteris inuenire.» *Antonii Codri Vrcei ... opera, quae extant, omnia.* «Sermo xiii, habitus in laudem liberalium artium» ; pp. 249-250 da ed. de 1540 («Basileae per Henricum Petrum»), cuja grafia aqui actualizamos. — Trecho vertido em francês, mas um pouco livremente, por Frantz Funck-Brentano, *La Renaissance*, p. 97.

mananciais perpétuos de erudição. É em Roma o letrado maior, o Cícero das *Tusculanas* e do *Orator*, a quem tão grande parte coube na formação da cultura geral e a quem, por isso, os Jerónimos ainda amaram e até os Agostinhos veneraram, confessando dever-lhe a sabedoria imortal, fonte da Revelação suprema (1). E nos tempos modernos o novó Cícero, Erasmo, «aquela trombeta que se ouviu pelo vasto mundo», no dizer de André de Resende (2), e se ouviria mesmo que só vibrasse na hora magnífica dos *Adágios*: «armazém de Minerva» a que os do tempo recorriam como os de outro tempo aos livros das Sibilas (3); espelho extraordinário que reflectiu e reanimou, pelo simples comentário de provérbios, a vida antiga, e de reflecti-la espalhou a jorros as luzes clássicas no universo, e de reanimá-la fez renascer, como nenhuma outra obra antes ou depois, o verdadeiro espírito cultural da Grécia e Roma.

Andam os contemporâneos por vezes desviados da cultura clássica. Esquecem-se do que lhe devem como larga propedêutica intelectual, donde saem as grandes noções gerais que a todas as carreiras aproveitam, e chegam a renegá-la, de caso pensado, contrapondo-lhe as excelências de outras formações. Agora preferem-lhe as técnicas, as modernas ciências experimentais, e polemizam a favor destas,—como se o que importasse fosse estabelecer uma opposição entre dois saberes, e não antes dar a cada um o seu legítimo lugar, conciliando-os, em vez de dissociá-los,

(1) V. P. de Labriolle, *Histoire de la littérature latine chrétienne*, 2.^a ed., pp. 37 e 530

(2) Tuba illa, uastum audita per mundum...» Numa elegia a Clenardo.

(3) V. Funck-Brentano, *op. cit.*, p. 119.

para benefício da unidade do espírito humano; depois intentam substituí-la por um classicismo novo e dizem que as humanidades antigas poderão ceder o campo às modernas, em virtude das fontes de humanismo susceptíveis de brotarem das literaturas actuais, — como se o homem de hoje não fosse o descendente e legatário do homem de ontem, e essas mesmas humanidades o prolongamento, a amplificação ou o vário desdobramento das outras. Apesar de tudo, as oposições assim feitas à cultura greco-latina não cessam de malogar-se ; e nem mesmo o que pudesse haver de lisonjeiro, para grandes países novos, em fixar humanidades próprias e sobrepô-las às antigas, logrou ainda subverter ou secundarizar a importância dessa cultura, onde os homens continuarão a encontrar, queiram bem ou não a Gregos e Romanos, a as raízes de suas ideias actuais e de suas futuras ambições», todas elas fundamentalmente «contemporâneas desses dois grandes povos da Terra (1)». Uma prova, entre outras, está em que os países europeus de mais extensos impérios ultramarinos, longe de pretenderem tudo conseguir com os seus recursos linguísticos, reforçam e prolongam com o grego e o latim a vasta obra civilizadora das suas grandes línguas de colonização.

Não se julgue que exagero. Para aqueles que sorriam de se lhes falar no grego e no latim propiciamente levados além dos mares, aí está, como resposta, a soberba realidade do uso não só erudito, mas até artístico, e requintadamente artístico, de uma ou outra dessas línguas por homens de cor. É verdade ! O nosso tempo,

(1) Afrânio Peixoto, segundo Fernando de Azevedo, «O ensino das línguas clássicas — Problemas metodológicos: 1», em *O Estado de S. Paulo*, n.º de 25-Y1J1-1936.

que produziu a restauração de tantas formas de arte clássica, que pôde criar as condições necessárias para de novo se ouvirem peças latinas ou gregas (há poucos anos ainda a representação da *Medeia* de Séneca nas ruínas do teatro romano de Mérida, não muito antes a reposição da *Ifigénia em Áulide* de Eurípidés no teatro grego de Siracusa), tornou já possível, entre outros eventos, que estudantes de cor representassem tragédias da Atenas áurea, como foi o caso da *Antígona* de Sófocles levada à cena, com os coros em grego, numa escola inglesa da Costa do Ouro(i). Caso realmente admirável e que até nos lembra velhos exemplos, não menos enternecedores, da transmissão do latim a jovens negros, tal aquele dos escravozitos de Clenardo, a quem o humanista só falava na língua de Roma, para que um dia lhe servissem de secretários, como Tirão a Cícero ou como Dífilo a Crasso (2).

Assim, pois, as línguas clássicas, tornadas instrumentos civilizadores, se constituem novamente línguas imperiais, pela força imortal do espírito. E, ao vermos-las ganhar esse novo império, muito mais duradouro que a soberania material dos povos que as falaram, não sei como não haveremos, latinos que somos, de experimentar emoção idêntica à do grande João de Barros, quando imaginava os jovens etíopes, persas e indos de aquém e de além do Ganges, «em suas próprias terras», a «aprenderem a nossa linguagem» e a serem com ela «doutrinados em os preceitos da nossa fé» (3).

(1) V. a revista *Sphere*, n.º de 20-1-1934.

(2) V. M. Gonçalves Cerejeira, *Clenardo*, nova ed., pp. 67-68, 309 e 396.

(3) *Diálogo em louvor da Nossa Linguagem*, in *Compilação de Várias Obras do Insigne Português João de Barros*, ed. de 1785, p. 230.

Meditem nisto quantos não amem o saber antigo como instrução primordial, — mal-agraçados às letras que, mil vezes tendo vencido a aspereza dos séculos, mil vezes repetiram, no mundo do espírito, a vitória dos deuses sobre os Gigantes. E aqueles ainda, lamentavelmente muitos, que, sob color de civilização, mas encobrindo afinal a sua barbárie, preferam deixar-se fascinar por culturas estranhas e aberrantes, lembrem-se de que podem alcançar, com o perfume exótico dessas culturas, o próprio abismo onde soçobrem, tal como Prosérpina colhendo o narciso atraente e raro e vendo-se levada súbitamente ao reino das sombras.

Mas, valendo tanto como saber fundamental, as letras clássicas não valem menos por outro elevado préstimo que desse resulta e que também de direito podem ostentar diante desta comunidade universitária. E que, basicamente instruindo, também educam normativamente, pelo muito que logram concorrer para a formação do espírito e do carácter.

Formadoras do espírito? Sem dúvida. Pela sua admirável lição de clareza e de equilíbrio; pela sua lição, não menos admirável, de precisão, de medida, de lógico rigor, com a qual o pensamento se aviva e clarifica; enfim, pela sua função incontestável de ginástica mental, que prepara a inteligência para toda a laboração vindoura, e se produz não só com as associações e combinações intelectivas determinadas pela leitura e penetração dos textos, como um dia frisou Manuel da Silva Gaio (1), mas ainda, bem o notou Charles

(1) Na *Revista da Universidade de Coimbra*, v, p. 480 (artigo «Da poesia na educação dos Gregos»).

Bally, com o exercício peculiar a que obriga a estrutura *sui generis* das línguas clássicas, tão diversas das modernas e por isso mesmo tão apropriadas a fazer-nos pensar de outro modo, fora das simples correspondências mecânicas de língua para língua que roubam ao estudo dos idiomas actuais uma grande parte de valor formal (1). Daí a sua poderosa contribuição para o desenvolvimento dos meios do raciocínio, do senso crítico, da aptidão comentadora, da faculdade de estabelecer as relações entre as coisas. E eu pergunto a mim mesmo, por exemplo, se a capacidade de generalização e de síntese que acompanha e favorece tantos triunfadores da vida pública (lembremo-nos de muitos que um dia passaram por Oxónia e Cambrígia e depois ascenderam aos mais altos mandos da Inglaterra) precisamente se não explicará pelo seu trato com as letras antigas, das quais terão sabido aproveitar, para o exercício intelectual, toda a potencialidade normativa(2).

Formadoras do carácter? Iguamente. Antes de mais nada, pela admiração do belo que nos oferecem a literatura grega e a latina (não há verdadeira e pura beleza que não edifique, do mesmo passo que subjogue e alicie); mas, mais em particular, pela análise da matéria moral que as obras helénicas e romanas nos legaram, em contingente prodigioso. Não é só o pecúlio enorme de ideias morais que se acumula na poesia, mormente no lirismo, em grande parte reflexivo e gnómico : é todo o complexo de salutareos exemplos que prosa e verso importaram à história ou à tradição oral,

(1) *Le langage et la vie*, 2.^a ed., p. 222.

2) [?] Muito sugestivo a este respeito o artigo «Lojistas ou humanistas?», publicado por Gilbert Murray em *A Grã-Bretanha de hoje*, n.º 60 (Nov.º de 1942).

no espirito daquela sentença que vinha nos livros dos Efésios: «ter sempre presente a lembrança de algum antigo que praticasse a virtude (1).» E, se há quem deseje ainda mais que simples exemplos ou ideias, quem busque também sugestões morais amplamente inspiradoras, basta-nos apontar-lhe as fábulas poéticas, com profusão disseminadas pelo verso grego e romano, e dizer-lhe: — Lê com atenção as histórias dos deuses; lê as histórias surpreendentes dos heróis mitológicos; lê até as histórias dos seres extravagantes que a sensibilidade grega humanizou, como o centauro dos doces costumes que ensinou Jasão e formou o carácter de Aquiles.

Vemos assim o valor normativo das letras clássicas juntar-se ao seu valor propriamente instrutivo. A ambos, porém, acresce, rematando um conjunto de privilégios, o valor imenso que elas possuem como cultura subsidiária, ou seja como alimento e adjutório de variadíssimos sectores da vida mental.

Não preciso de salientar, por assaz conhecido, o que o latim e o grego representam para o direito, para a filosofia, para a história e ciências auxiliares. Não careço de frisar, por assaz ensinado, que sem um e sem outro ninguém pode ir até às nascentes das disciplinas que cultive ou remontar às alturas, raro atingidas, donde em globo se abranja toda a cultura humana. Basta-me avultar o subsídio linguístico-literário por eles oferecido a cada passo, direi melhor — o que eles são como fontes permanentemente enriquecedoras das línguas e das literaturas.

(1) Cf. Marco Aurélio, xi, 26.

Em primeiro lugar, quanto não têm valido latim e grego aos idiomas nacionais do nosso tempo, renovando quase sem parança os seus léxicos literários! O português, sabemos-lo bem, falaria por todos, orgulhoso de ter aproveitado, ao longo dos séculos e por entre todas as variações do gosto, esse puro ouro verbal decantado por Filinto :

Se queremos achar abertas veias
Do custoso metal que as falas doura,
Visitemos as minas encetadas
Pelòs nossos antigos escritores
No Lácio e Acaia (1). ..

Em segundo lugar, quantos serviços o grego não tem prestado, sobretudo o grego, à linguagem científica internacional, com o imenso vocabulário tecnológico! Nem sempre há acordo (*grammatici certant. ..*) sobre a estrutura, sobre o poder expressivo e até sobre a razão de ser dessas palavras, que certos filólogos queriam ver substituídas, em alguns domínios, por elementos adrede procurados em recônditas minas nacionais. Chega-se a acompanhar Remv de Gourmont, que se carpia de ver as linguagens técnicas francesas cada vez usarem menos do francês (2) e via no *Jardim das Raízes Gregas*, de Lancelot e Sacy, um dos livros mais nefastos aos idiomas novilatinos (3). Não obstante, cresce o caudal dessas palavras, cujo curso se deve regular, e não deter; e, porque sempre vai crescendo, é caso para se dizer que em tal sentido ainda o mundo fala e escreve grego.

(1) Da carta «Ao Senhor F. J. M. de B.», parte x. V. Filinto Elisio, *Poesias*, ed. de José Pereira Tavares, p. 30.

(2) *Esthétique de la langue française*, cap. m.

(3) *Ibid.*, cap. i.

Neste particular das tecnologias, fica e ficará o latim, por óbvios motivos de estrutura — plasticidade menor, recursos menos dúcteis para a formação de compostos e derivados —, largamente desfavorecido em relação ao seu par. Entretanto, é-lhe dado compensar-se dessa posição inferior pelas condições, que ainda tem, para ser instrumento de expressão.

Quero eu afirmar que o latim tornará a ser um idioma comum internacional? Pode presumir-se que ele encontre de novo a sação propícia à sua difusão oral e escrita? E, encontrando-a, voltará a constituir, como em Quinhentos e Seiscentos, além de meio de relações políticas, instrumento de fraternidade cultural, a ligar em elos infrangíveis todos os membros da estirpe de Júpiter? Não digo tanto. Mas, mesmo que não vinguem os esforços dos que têm promovido, na Europa e na América, uma acção em prol desse idioma, para torná-lo auxiliar das línguas vernáculas nas relações internacionais (1); mesmo que ele nunca chegue a ser o que já alguém sonhou quanto ao francês, — língua de um «estado federal universal», fundado na «sindicalização das soberanias» (2); mesmo que não frutifique entre as nações, para fins de política ou de cooperação mental, o exemplo que já frutificou entre comunidades nacionais, quando a Hungria fez da língua de Roma a língua oficial do seu Congresso, onde se representavam diversas raças (3); a verdade é que o latim, quando não venha a ser, como já foi, linguagem científica internacional, segundo os desígnios do Instituto de Estudos Romanos,

(1) V. A. Piccarolo, *Entre a Ciência e a Arte*, pp. 45-46.

(2) Concepção de H. G. Wells. V., a propósito, Júlio Dantas, *Política Internacional do Espírito*, pp. 21-22.

(3) V. A. Piccarolo, *op. cit.*, p. 47.

que para tal ideou vocabulários especiais (1), ou segundo as práticas por vezes adoptadas em reuniões de sábios, a exemplo do italiano Guido Baccelli, a deslumbrar, com suas admiráveis orações latinas, os congressos médicos do Berlim e de Paris (2), o certo é que o latim, dizia eu, bem pode ser, bem deve, pelo menos, vir a ser (e eis aqui um voto que ousou formular desta cátedra) linguagem internacional dos classicistas, o grande meio de eles deixarem de se isolar, fazendo do que é essência da sua cultura o próprio veículo do seu humanismo: língua da sua correspondência epistolar, do seu comércio erudito, da sua expressão filológica, da sua elocução artística.

E não se pode esquecer o que há sido feito neste domínio, e é muito : revistas escritas em latim por mestres e estudantes de humanidades — em Espanha a *Palaestra Latina*, na Inglaterra as *Alaudae*, nos Estados Unidos o *Praeco Latinus*, na Itália a *Vox Urbis* e a *Alma Roma* —; correspondência latina entre professores; obras didáticas, teses universitárias, dissertações inteiramente compostas na mesma linguagem ; e até o que menos poderia esperar-se, o uso poético da palavra romana com os mais altos requintes expressionais : humanistas de todo o mundo disputando, com fêrvido zelo, o *certamen poeticum* de Amsterdão; latinistas de vários países renovando os melhores metros horacianos para celebrarem, ainda há pouco, o bimilenário do Venusino (3); catedráticos e académicos de Itália

(1) V. Galassi Palluzzi, *Per lo studio e l'uso del latino*, ano 1, n.º 1, pp. 78- (artigo «La lingua di Roma nel mondo e Topera dell'Istituto di Studi Romani»).

(2) V. A. Piccarolo, *op. cit.*, p. 48.

(3) A este facto se refere o Prof. P. U. Gonzalez de la Calle na revista *Emerita*, t. v, p. 118 e n. (artigo «De re metrica Horatiana»), citando, a propósito, uma das mais curiosas poesias comemorativas do

exercitando novamente o plectro latino e prolongando assim a grande tradição de poesia latino-italiana que vem de Petrarca e Policiano a Leão ni e Giovanni Pascoli.

Venha, porém, a ser maior ou menor o futuro do latim como língua escrita e oral, o que nada pode abalar é a grande acção por ele exercida, ao lado do grego, como elemento opulentador dos idiomas modernos; e é ainda o papel extraordinário que ele desempenha, de envolta com a língua irmã, na revitalização das modernas literaturas. Não há quem não saiba o que têm sido grego e latim, sob múltiplos aspectos, como recursos inexauríveis de imitação literária. E, sem precisarmos de ir mais longe, que abundante, que variada, que maravilhosa série de clássicas imitações a literatura portuguesa nos não apresenta, sobretudo na poesia, do *Cancioneiro Geral* aos *Poemas Lusitanos*, de Sá de Miranda aos épicos seiscentistas, de Rodrigues Lobo a Cruz e Silva, de Garção a Filinto Elisio, de Castilho a Eugénio de Castro, numa sucessão ininterrupta que tantísimos vultos abrilhantam e que até um só, o maior de todos, eloquentemente resumiria com o classicismo imortal d'Os *Lusíadas* e da *Lírica!*

Por outro lado, nem só à imitação se apresentam propícias as literaturas antigas, porque também se prestam, convém observá-lo, a servir de estímulo à criação literária. E que, formando ambas, quer a latina quer a grega, como escreveu Silva Gaio, «uma atmosfera de viva estesia suscitadora», «concorrendo para nos elevar toda a tonalidade psíquica», à semelhança do que acon-

bimilenário horaciano, que temos o gosto de conhecer desde 1936, por amável oferta do A.: a ode alcaica *Ad bis millesimos Horati natales*, escrita por St. Bezdechi, professor da Universidade de Cluj (Roménia),

teça com «um artista de determinada arte, cujo espírito e cuja sensibilidade sejam despertados e movidos pela audição ou visão de uma obra artística de outro ramo», ambas estabelecem, na verdade, o que podemos chamar, com o mesmo escritor, «um *ambiente de alma* favorável à elaboração original» (1).

E é diante deste quadro, vendo as letras clássicas não apenas ser fontes de imitação, más incentivos de criação, que nós sorrimos do curioso apelido de *línguas mortas* que tantos dão, sem restrições, ao grego e ao latim. Línguas mortas, como se as suas emanações não passassem de fogos-fátuos ! Línguas mortas, como se fossem luzes bruxuleantes de um passado exausto, e não fogos vivos de beleza, a mudarem-se em força criadora! Afinal, grandes línguas redivivas, graças à Arte de vários séculos, ou, mais ainda, línguas que sempre foram, que sempre haverão de ser literariamente vivas!

E como não, se as literaturas antigas, dando-nos uma lição de escultural beleza, nos ensinam também as virtudes que mais importam às criações do espírito humano? Se delas nos vem uma lição de limpidez, de sobriedade, de força, de abundância, de equilíbrio, de harmonia, — limpidez e sobriedade em que primaram os Gregos, força e abundância em que sobrelevaram os Latinos, equilíbrio e harmonia que irmanaram Latinos e Gregos, para que uns e outros ensinassem o mundo a escrever? E se, para além destas lições, nos deram ainda uma suprema lição de unidade na diversidade, patente nesse facto incomparável que foi a persistência, por toda a história grega e romana, do espírito vital da poesia homérica? Sim. O modelo dessa poesia, a que

(1) *Revista da Universidade de Coimbra*, v, p. 481 (artigo já cit.).

Alcidamante, discípulo de Górgias, chamava «espelho da vida humana», mostrou-se, por entre todas as modalidades de concepção e de fábrica, no meio de todas as luzes e pompas e riquezas e esplendores dos variadíssimos géneros literários — poesia cosmogónica de Hesíodo, tragédia e comédia, epopeia de Apolónio ou de Virgílio, formas várias de lirismo, história épica de Heródoto e de Tito Lívio, eloquência, retórica, filosofia de Platão e de quantos hauriram o seu mel divino, poesia e prosa didácticas, como as de Horácio e Aristóteles, os legisladores do Parnaso—, mostrou-se, deixai-me dizê-lo, qual mercê outorgada pelos deuses, a grande e pródiga mina onde se reservava para cada autor um filão opulento. De tal sorte que Homero, cantando para a Grécia e para Roma e fazendo-se admirar de escritores sem conto, foi como Orfeu cantando para Euridice e reunindo à sua volta inumeráveis seres da natureza, arrebatados pela sua música de ideal brandura.

*

* *

Eis aí ficam, Senhoras e Senhores, os valores essenciais com que as letras clássicas se podem apresentar a este claustro académico. Irei agora acrescentar-lhes, para reforço da apologia, um quadro da vida dessas letras dentro da nossa Universidade, considerando-as em relação ao seu presente e às possibilidades do seu futuro.

Mau grado vicissitudes transitórias, as humanidades antigas apresentam-nos hoje, no seio desta *mater studiorum*, recursos avultados e pujantes. São aqueles que as universidades por toda a parte aproveitam e se fundam no progresso em tantos países alcançado pelas lingúis-

ticas latina e grega, pela gramática comparativa do grego e do latim, pela historia, especial ou comparativa, das literaturas clássicas, e ainda pelas diversas disciplinas ou subdisciplinas que a essas servem de tributárias. Volvidos três decénios sobre a fundação da Faculdade de Letras, não se pode realmente dizer que o velho *Studium* conimbricense, embora com reduzidos quadros magistrais, não esteja fazendo, pelas suas aulas clássicas, o mais possível por assimilar quanto lhe vem de fora e por colher nos próprios elementos assimilados as condições indispensáveis à produção científica original.

Para que esses recursos, todavia, venham a ser con dignamente aproveitados, há a necessidade imperiosa, e cada vez mais urgente, de que obtenham instrução humanística solidamente preparatória aqueles todos que para aqui se encaminhem, com destino a estudos clássicos superiores. O problema é, em parte, o ingresso da língua grega no ensino liceal, já mais de uma vez defendido, sugerido e reclamado (1); e é, por outra parte, no mesmo grau de ensino, a renovação dos métodos, que tem contado os malogros pelos número dos ensaios, mas para cuja execução e eficiência se encontram abertos os caminhos. Deixe-se de banda, e de uma vez para sempre, o comentário «descarnado» dos textos (2), o

(1) Digna de nota, a respeito, uma conferência sobre «A cultura humanística nos liceus», proferida por Felisberto Martins, em Março de 1934, como professor estagiário do 1.º Grupo do Ensino Liceal. V. *Boletim do Liceu Normal de Lisboa*, ano ui, n.º 7, pp. 369-390, e especialmente pp. 385-388.

(2) Leia-se na versão espanhola da *História da Filologia Clássica* de Wilhelm Kroll (②Collección Labor) o início do parágrafo intitulado «El movimiento filológico español» (pp. 177-180), da autoria do tradutor,, o Prof. Pascual Galindo Romeo.

abuso do formalismo na sua análise; ponha-se ao serviço da explicação dos autores toda a espécie de noções complementares que de algum modo possam valer para a sua melhor inteligência (1) ; faça-se em perfeita conjugação com a leitura das obras o estudo, convenientemente regulado, da civilização de Gregos e Romanos, para que de uns e outros, segundo o voto de Bréal, se aprenda mais do que a simples «sombra das coisas» (2); não se tenha pejo de levar para as aulas um pouco do método histórico-linguístico, no intuito de esclarecer e não raro fecundar com ele a doutrina gramatical (3) ; dê-se o maior lugar possível a observações lexicais e gramaticais feitas em comparação com o português; dê-se lugar, também, à leitura seleccionada de versões portuguesas (com paradigmas imortais nos traslados castilhanos das *Geórgicas*, das *Metamorfoses*, dos *Fastos* e da *Lírica de Anacreonte*), — versões essas que não chegariam, apesar das ilusões de alguns, para suprir a leitura dos originais, mas servirão para avivar em estudantes moços o interesse despertado pelas letras clássicas, do mesmo modo que terão força e atractivo bastante para fazer retornar à *domus* grega e romana muitos filhos pródigos do classicismo. E então, sim, poderão os estudos clássicos universitários, já com seguros alicerces, cumprir sem entraves, em Coimbra ou alhures, os seus verdadeiros e amplos fins.

Com respeito ao ensino superior das letras antigas, há quem impugne, por lhe parecer um cavar em ruínas que mais valera substituir por noções práticas, a moderna orientação filológica, isto é, tudo quanto

(1) Fernando de Azevedo, artigo cit.

(2) Michel Bréal, *Quelques mots sur l'instruction publique en France*.

(3) J. Marouzeau, *La linguistique et l'enseignement du latin*.

seja doutrinar sobre a gramática científica, a léxicologia, a etimologia, a história do grego e do latim. Está bem, se essa orientação for absorvente e exclusivista, impeditiva ou inibitória de tudo o mais. Mas como recusar às Faculdades de Letras o ensino filológico, em especial o ensino histórico-linguístico das letras clássicas, se ele for feito a par e em fecunda harmonia com o ensino histórico-literário das mesmas, e se um e outro coincidirem com a exegese metódica e superiormente construtiva dos textos? Não é também a filologia, desde que idênticamente acompanhada, um dos objectos irrecusáveis do ensino superior das letras modernas? Lá porque a escola secundária não dá hoje do latim, e nunca deu do grego, suficiente domínio prático, hão-de as cátedras latinas e gregas das Faculdades de Letras, para lhe compensar a deficiência, sacrificar aquela doutrina e enjeitar assim uma parte do seu programa característico, universalmente consagrado? Cumpra cada grau docente a sua missão peculiar. E çonsinta-se que ao sol da Grécia e de Roma continue a haver, na Universidade de Coimbra como nas outras, lugar para os lexicógrafos, para os etimologistas, para os dialectólogos, para os linguistas historiadores; lugar ainda para os gramáticos, cuja estirpe não deverá já agora succumbir a críticas, depois de ter sobrevivido à que lhe fez Erasmo (1), aliás gramático de génio ...

O que é preciso é que o ensino filológico, praticado a par com o literário, seja sempre, e com intensidade progressiva, um ensino em que se conjugue a robustez do saber com a mais viva e fecunda espiritualidade.

(1) No *Elogio da Loucura*, cap. xlix.

Poder-se-á fazê-lo por tal forma, que até a explicação da origem de uma palavra, a explanação de um torneio frásico, a descrição de uma história vocabular, a discussão de um sentido, tudo isso constitua, em vez de simples jogo ou curiosidade erudita, funda penetração na essência do idioma respectivo e, portanto, na alma do povo que o falou. E assim o magistério das cátedras gregas e latinas, formando os graduados *in utraque lingua*, formará, cada vez mais, humanistas que o não sejam apenas pela letra, mas pelo espírito também, ressalvada, contudo, a plena igualdade destas duas condições, pois não se compreenderiam humanistas que o fossem tão-sòmente pelo espírito, que da letra carece para se aviventar. O que tudo servirá para se fazer de novo guerra à barbárie, segundo a missão tradicional das letras antigas, tornando Coimbra, a velha *sedes sapientiae*, novamente foco de saber humanístico, e neste sentido não apenas miradouro espiritual voltado sobre o mundo, mas remontada acrópole mental que outras urbes universitárias visionem de longe.

Para reforço e ampliação deste magistério, há-de por certo contribuir, a começar de futuro próximo, o Instituto de Estudos Clássicos recentemente criado na Faculdade de Letras. Sei bem o que de esforços vai exigir um instituto científico deste género, o primeiro que surge entre portugueses ; mas por tanto tempo o andei sonhando, que não resisto a imaginá-lo, deste lugar, na plenitude vindoura da sua existência. Vejo-o, desde já, no seu labor fundamental de promover trabalhos escolares e publicações académicas, tornado centro de investigações onde se construam monografias e ensaios de alunos, dissertações de licenciatura,

teses doutorais. Estou a vê-lo, ainda, na tarefa de expandir-se por intermédio da sua revista, a *Humanitas*, e por meio de empresas mais ou menos vultosas a que há-de conduzi-lo, pouco a pouco, o incremento da devoção humanística: algumas delas bem nado-nais, como a história do ensino clássico entre nós, a história da fortuna portuguesa de cada um dos clássicos maiores (no género da que Menéndez y Pelayo conjecturou para a Espanha), o estudo sistemático das fontes antigas dos nossos velhos poetas e prosadores, enfim a versão e o comentário, só dispersamente feitos até agora, das composições latinas dos nossos humanistas; outras tão nacionais como essas, mas de alcance mais que nacional, entre as quais sobretudo idealizo (perdoe-se a visão ambiciosa!) uma colecção cientificamente organizada de autores latinos e gregos, com textos e versões, obra que já vai sendo tempo de começarmos a executar e por meio da qual poderemos fazer a mais construtiva defesa das letras antigas, servindo amplamente a sua causa por nós e pelo mundo.

Se é necessário alegar exemplos de fora para justificar estes desígnios, não se carece de ir muito longe. Além da Alemanha, da França, da Inglaterra, da Itália e até de países em menor evidência, que nos apresentam a actividade múltipla de vários institutos ou associações de estudos clássicos, dá-nos a vizinha Espanha, agora operosíssima no campo do humanismo, nada menos de três instituições frutuamente consagradas às letras gregas e latinas: o «Seminario de Lenguas Clásicas» da Universidade de Salamanca, zelador e acrescentador da herança de um sem-número de catedráticos eminentes, como foi, há pouco ainda, o Prof. González de la Calle; a «Fundació Bernât Metge», de Barcelona, jus-

tamente afamada pela sua colecção de textos e versões, com a qual se propôs restaurar os estudos humanísticos numa província espanhola e ao mesmo tempo dar pergaminhos novos ao idioma catalão ; e o «Instituto Antonio de Nebrija», de Madrid, ainda jovem, mas já enobrecido com o notável boletim *Emerita* (1) e com as várias séries de publicações que por este se nomeiam (2) : textos, manuais filológicos, documentos para a história do humanismo espanhol. Creio, porém, que o Instituto de Estudos Clássicos se justifica por si próprio, em relação à respectiva Faculdade, ansiosa de ver o progresso da cultura humanística portuguesa, e que, em vez de se remirar nos exemplos de fora, deverá antes esforçar-se por servir de exemplo a novas iniciativas, sejam elas locais ou nacionais, que visem fomentar o classicismo. Dou-me até a imaginar, aqui ao seu lado, a receber a instigação da sua vizinhança, um Centro Humanístico de Estudantes,— ao mesmo tempo cenáculo erudito, dentro das possibilidades e disposições de moços, e lugar de franca devoção, na larga medida do entusiasmo de que ânimos juvenis seriam capazes. Casa de jovens, é natural que as aspirações dos seus membros nem sempre se traduzissem em perfeita simultaneidade; mas haveria de irmaná-las, e isso bastaria, igual pureza e fervor de culto. Que importa afinal, como diria Marco Aurélio (3), que, de vários grãos de incenso deitados no mesmo altar, tenha um caído primeiro e outro depois?

Não será pouco, nestas circunstâncias, o que do

(1) Começou a publicar-se em 1924, sob o patrocínio do «Centro de Estudios Históricos» da «Junta para Ampliación de Estudios».

(2) «Publicaciones Emerita».

(3) V. I, 15.

novo Instituto se deve esperar. Assim possam todos que o constituam servi-lo sem hesitações ou desfalecimentos, guardadas ao longo dos dias vindouros a esperança e a confiança das horas primeiras ! E possa eu (consinta-se este voto), na parte modestíssima que nele venha a ter, continuar fielmente o espirito do humanismo de Coimbra, do qual, valha a verdade, sempre me julguei prosélito, mesmo quando estudava ou ensinava noutra escola, por ter tido a ventura de me contar entre os que ainda aprenderam com José Maria Rodrigues: o latinista e helenista aqui feito doutor e professor, e que nunca depois, embora ausente, deixou de se orgulhar do seu imaculado capelo branco; mestre bem-amado cujas lições inesquecíveis são hoje, para íntimo culto, a saudade maior da minha carreira universitária e eram ontem, quando ouvidas, maravilhosa sabedoria que me parecia replantar-se nestes lugares, como directa prolongadora do velho classicismo conimbricense.

É óbvio que uma obra como essa não se condiciona apenas ao simples esforço individual, porque de estímulos também carece. Mas para o Instituto de Estudos Clássicos, como para as cátedras afins, que melhores estímulos que os do passado humanístico de Coimbra, todo ele refluindo vivo à lembrança de mestres e estudantes?

Ai das cidades sem tradição humanística, obrigadas, pobres delas, se de humanidades precisam, a copiar modelos alheios ou a viver na expectativa de benefícios transitórios ! Esta, porém, teve outra fortuna. É a Coimbra do Mosteiro de Santa Cruz e do Colégio Real, enriquecidos ambos com as humanidades de que os ornaram os seus principais ; a Coimbra dos sábios lusíadas que ao longo do século xvi leram

grego e latim, na Universidade ou à sombra dela: Diogo de Teive, Inácio de Moraes, Belchior Beleago, André de Resende. E a cidade que no mesmo século, qual nova Atenas e nova Roma, ouviu maravilhada Vicente Fabricio, viu passar Clenardo, admirou os sábios bordaleses e, por vontade de um rei, teria recebido o próprio Erasmo, *nulli secundus*; que se enobreceu e celebrizou com a musa latina, équiparando-se aos lugares onde ela refloria no lirismo ou disputava às línguas modernas a celebração das histórias pátrias; que chegou a ter um humanista em cada graduado e até um humanista em cada estudante, mansão admirável onde os próprios escolares, capazes de imitarem na escrita a frase de Bembo ou de Lourenço Valia, só em latim deviam falar, sob pena de opróbrio (1); e que largamente propiciou o recolhimento daqueles monges para quem as leituras clássicas, mau grado a clausura da cela, constituíam sempre libertação do espírito. E a Coimbra que entrou, com docentes e discentes, no grande contubérnio europeu dos humanistas, na mesma altura em que portugueses brilhavam lá fora, ávidos de aprender ou ensinar; que competiu, aqui na Península, com Salamanca e Alcalá, levando-lhes por vezes a palma no comércio da erudição antiga; e a que não faltou, para esse grande simpósio do espírito, a activa colaboração dos tipógrafos letrados, os Alvares e os Barreiras que a seu modo sacrificavam às Musas, como os Manúcios, os Frobénios ou os Plantinos, num tempo em que elas mesmas por aqui andavam, como alguém escreveu, esquecidas das cas-

(1) V. M. Gonçalves Cerejeira, *Clenardo*, nova ed., p. 103, e Mário Brandão, *Documentos de D. João III*, 1, p. 38.

tálias fontes e das límpidas águas do Permessos (1). É a Coimbra ainda famosa no século xvii, se não já com luminares do latim e do grego, ao menos com a glória de escritores a quem fez beber a primeira seiva do humanismo; afamada também no século xviii, quando a cultura greco-latina de um Jerónimo Barbosa, professor de Eloquência e de Poesia, deu réplica à erudição de Custódio José de Oliveira, o detentor do facho helénico no Real Colégio dos Nobres; e de novo gloriosa em nossos dias, quando enfim, após declínios manifestados no passado século, a clássica instrução floriu em três mestres da Faculdade de Letras, qual deles mais admirado pela vastidão e pelo polimorfismo do saber : os Drs. Gonçalves Guimarães, António de Vasconcelos e Manuel Gonçalves Cerejeira.

Nestas memórias se podem animar, de ora avante, quantos em Coimbra se votarem à causa do grego e do latim. Mas felizes deles, que ainda aqui poderão achar, sem terem de ir buscá-los longe, outros incentivos reconfortantes, como quem devesse ao materno seio, afora os impulsos do coração, os próprios alentos do espírito! Andará com eles, a animá-los, a memória daqueles reis que favoreceram o humanismo conimbricense, — sombras, é verdade, mas sombras que ainda hoje, avultando em painéis da Sala dos Capelos, dir-se-ia irradiarem vida e caminharem para nós, quais

(1) Inácio de Moraes, *Conimbricæ encomium*:

Aurifer irriguis late diffunditur agris,
 inque suas flexus Monda recurrit aquas,
 Monda sacros potant cuius de flumine rores
 cum Phoebo doctae, turba nouena, deae.
 Oblitaeque suas liquidi Permessidos undas,
 Castalios gaudent deseruisse lacus.

outras estátuas de Dédalo. Andará com eles, igualmente, a lembrança de todos os reitores, de todos os visitantes, de todos os reformadores universitários para os quais o lustre dos estudos clássicos tenha um dia resumido ou simbolizado o geral dos prestígios culturais. E há-de ainda acompanhá-los (esperemos que os acompanhe!) V. Ex.^a mesmo, Senhor Reitor (1), em quem se vê, por múltiplos títulos, um herdeiro das glórias da cadeira prelaticia — a cadeira de Garcia de Almeida e Diogo de Murça, de Carneiro de Figueiroa e Francisco de Lemos —, em cujo labor se pode admirar o médico humanista, da estirpe de Ricardo Jorge e Afrânio Peixoto, e de quem, por virtudes tais, é lícito esperar vigilante zelo das humanidades clássicas, decerto renascidas e florentes em todo o curso do seu reitorado, que o destino faça longo e glorioso.



Minhas Senhoras e meus Senhores:

Deixo-vos tecida, conforme pude e soube, uma apologia de valores das letras antigas, prolongada num quadro, igualmente apologético, da sua vida universitária coimbrã. Singela como foi, não vai, com certeza, modificar o que tais disciplinas para vós representem. Se, todavia, meditardes em alguns dos factos sobre elas aduzidos — aplicações que as ilustram, devoções

(1) Dr. Maximino José de Moraes Correia, professor catedrático da Faculdade de Medicina de Coimbra.

que as amparam, cultivo que as fortalece—, passareis ao menos a reconhecer, com mais seguro ânimo, toda a sua vitalidade e consistência.

Entretanto, a deusa protectora da Universidade, a pura deusa dos olhos glaucos e da expressão serena e radiosa, aquela que sempre ostentou majestosamente os sinais divinos, *diuini signa decoris*, e, como a outra deusa antiga, invariavelmente impressionou pela calma imponência do seu andar, continuará, tenhamos fé, a caminhar por estes sítios e a velar, como é natural, pela parte mais nobre do seu Saber. Não a deixará entregue às auras fortuitas, nem à mercê de patrocínio alheio. E, se algum dia, por maravilha, as letras clássicas tivessem neste paço uma hora qualquer de glorificação, ela mesma aqui-viria, em imaterial figura, para a envolver em esplendor e fausto : transporia o magno portal que merecidamente lhe consagraram, sorriria ao largo terreiro, às amplas galerias, às escadas vetustas a que deu o nome, e seria feliz de aqui entrar, com a alma de Roma e da Grécia, — pela Via Latina.